

Luiz Heitor nas Páginas da Revista *Cultura Política*

Diego Wandal dos Santos
UNESPAR – Campus Curitiba I - diego_wandal@hotmail.com

Resumo: A revista *Cultura Política* surge da responsabilidade assumida por Vargas em contruir uma identidade nacional brasileira, servindo como meio de propagação do ideário de seu governo, e da forma pensada pelo diretor da revista Almir de Andrade em atribuir aos intelectuais o papel de intérprete nacional. Um dos principais meios recorridos pelo governo para alcançar seus objetivos, foi através do folclore musical, tendo na linha de frente o musicólogo e folclorista Luiz Heitor Corrêa de Azevedo. Através de sua coluna na revista, transpassa sua influência política e vasto conhecimento em torno do desenvolvimento da música brasileira desde sua formação, trazendo resultados significantes para os estudos do folclore musical brasileiro, e para a representatividade da cultura brasileira no exterior.

Palavras-chave: Luiz Heitor. Revista *Cultura Política*. Crítica Musical.

Luiz Heitor in *Cultura Política* Journal

Abstract: The *Cultura Política* Journal emerge from the President Vargas responsibility in Building a national identity, being the main tool of the brazilian government information spreading, and the way the journal's diretor Almir de Andrade chose to give the intellectuals the role of nacional voice. One of the main ways the government chose to reach their goals was through music folklore, having in the frontline the musicologist Luiz Heitor Corrêa de Azevedo. His articles on the journal make clear how importante was his role when it comes to political matters and how extense was his knowledge about the construction of the idea of brazilian music since the beginning, providing important results for the brazilian music folklore studies, and also, for the country international representativity abroad.

Keywords: Luiz Heitor. *Cultura Política* Journal. Music Criticism.

1. Ideário Político de Vargas

Em um contexto onde é analisado o papel desempenhado por Vargas no que tange a criação de uma identidade nacional, e a relação que isso teve com fatores internos como a música brasileira, e externos como interesses políticos de outras nações em intercâmbio cultural, o entendimento do conceito de diplomacia cultural, é necessário. Esse conceito, de acordo com Soares (2008), foi criado por Willy Brandt em 1966, quando este o introduzia como “o terceiro pilar da política externa das nações, juntamente com a política e o comércio” (SOARES, 2008). E diz respeito à ligação exclusiva entre cultura, política e poder que alguns países europeus e norte-americanos já exploravam para alcançar objetivos de caráter diversos. Porém, se diferencia do seu termo vizinho, “diplomacia tradicional”, na forma de chegar ao propósito desejado. A diferença fica clara quando comparamos os conceitos trabalhados pelo teórico Joseph Nye - como aponta Figueiredo (2010) -, que estão atrelados àqueles termos.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

Segundo Figueiredo, ao citar Ferreira (2005, p.2), o teórico vincula ao termo “diplomacia tradicional”, o conceito *hard power*, que se define pelo “uso de mecanismos de coerção, indução, intimidação e proteção para alcançar seus objetivos, além da aplicação de sanções, ameaças e punições”; e à “diplomacia cultural”, o conceito *soft power*, que é “um poder de persuasão e atração, tratando-se de ações indiretas” (FIGUEIREDO, 2010 apud FERREIRA, 2005 p.3). Ou seja, a diplomacia cultural se trata da forma como uma nação expõe os elementos culturais que representam sua identidade nacional no intuito de tornar atrativa suas ideologias políticas.

Não há dúvidas em torno das consequências geradas pela natureza ditatorial do governo Vargas, que foi um regime baseado no *hard power*; no uso da força e da repreensão política, como aponta Câmara (2010). Mas também muito utilizou da propaganda, através das mídias disponíveis no seu tempo para fazer política (CÂMARA, 2010). O objetivo era de alcançar o maior número de pessoas com os ideais do regime, e recorreu à recursos como o rádio e as publicações. Para o controle e gerenciamento desses meios, foi criado em 1939 o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP. Barros (2013), expõe que a ideia central do departamento:

O departamento buscava socializar a doutrina do Estado Novo, trazendo-a para o cotidiano da população através de propaganda sistemática em rádio e cinema (chegou até a elaborar programas de rádio e filmes próprios), atividades esportivas e recreativas, manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições e concertos. Também cabia ao DIP o poder de censura do teatro e do cinema. (BARROS, p.80, 2013)

Posteriormente, o departamento viria a criar a revista Cultura Política, que seria dirigida por Almir Andrade, cujo convite foi feito pelo próprio DIP, e que seria fundamental para o formato e corroboração com os ideais do governo. Ao citar Lucia Lippi Oliveira, Câmara explica que Andrade e Vargas compartilhavam da opinião de que, por conta da grande quantidade de influências que eram importadas, a real essência do país havia sido obscurecida, e, portanto, o regime deveria ser voltado às origens; para as raízes brasileiras. Como forma de alcançar este objetivo, Almir Andrade buscou reunir intelectuais – tanto a favor quanto contra o governo; de diferentes origens e perspectivas -, para desenvolver uma reflexão em torno do entendimento de cultura brasileira e as suas relações com a política.

2. Luiz Heitor e Revista Cultura Política

As razões para o desenvolvimento de uma identidade nacional não se limitavam apenas na propagação dos ideais do governo em território nacional. Outra perspectiva de extrema relevância acerca disso é a do intercâmbio internacional cultural. Quando a ideia de utilizar do *soft power* para a propagação de políticas públicas estava sendo posta em vigor após a Primeira Guerra, os países participantes como a França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Polônia, Espanha e Itália já davam a devida importância para a implementação de políticas culturais, especialmente a França, que foi pioneira nesse assunto, tendo inaugurado esse tipo de ação em 1909, com a criação de diversos setores para coordenar sua ação cultural no exterior, como aponta Soares. O Brasil começou a botar em prática ações para participar deste intercâmbio de maneira ativa, deixando de ser apenas um receptáculo de políticas culturais – como foi por quase três décadas – apenas com essa mobilização do governo de Vargas. Dentro desta ideia, diversos intelectuais de diferentes áreas da cultura saíam em viagens para realizar esse intercâmbio com intelectuais de outros países, e um deles, que caracteriza grande importância, é o musicólogo Luiz Heitor Corrêa de Azevedo.

Vargas compreendeu que um aspecto do folclore brasileiro, exclusivamente, representava fortemente as raízes do país: o folclore musical. Acabando por utilizar como base na formulação das políticas culturais. E na linha de frente das ações referentes ao folclore musical brasileiro, estava o musicólogo, que também foi um dos intelectuais colaboradores da revista. A atividade de Luiz Heitor tanto na perspectiva de valorização cultural em território nacional, quanto no intercâmbio cultural internacional foram notáveis e geraram resultados de extrema importância, e grande parte desta atividade se encontra distribuída nos trinta e seis artigos que redigiu nos cinco números de sua coluna na revista Cultura Política. Nessa coluna, Luiz Heitor faz um delineamento bastante amplo sobre a crítica musical brasileira, contribuindo para a inteligência nacional no âmbito da musicologia com desde produções sobre conteúdos técnicos de música, até o relato de suas experiências, relações e feitos no que diz respeito a instituições, teatros e orquestras; relações internacionais e os frutos que disso resultaram.

Sua contribuição para a revista foi de 1941 até 1945. De março até agosto de 1941, ele comenta, sob uma perspectiva técnica e social, sobre os compositores que ganharam alta notoriedade na época, constituindo características do que passaria a definir a corrente mais avançada nacionalista brasileira. Nomes como Camargo Guarnieri, Luiz Cosme, Radamés Gnattali, Brasília Itiberê, Henrique Oswald, Oscar Lorenzo Fernandez e Francisco Braga. Nesse período ele também fala sobre o progresso musical no país durante a década de estabelecimento

do Estado Novo - que constitui um grande marco para a música nacional -, que se deu, materialmente, à reconstrução dos teatros, formação de orquestras e a socialização da música nas instituições de ensino. Fala sobre os nomes por trás do processo dessas instalações, como Luciano Gallet, com seu trabalho na idealização da Escola de Música, e Villa-Lobos, sobre a musicalização infantil e canto coral². Já de setembro até abril do segundo ano, 1942, ele estava redigindo lá dos Estados Unidos porque ele estava num processo que viria a se tornar o talvez, seu maior trabalho, que é a colaboração com a União Pan Americana e o etnomusicólogo Alan Lomax para fazer as viagens para a Bahia, Goiás e Minas Gerais com equipamentos de gravação, e realizar o que alguns consideram como o primeiro trabalho da etnomusicologia brasileira, que foi o registro de música folclórica nesses estados³. Enquanto está lá, também fala sobre a representatividade e boa aceitação que a música brasileira tem na América do Norte. Nos meses restantes do segundo ano, já tendo regressado ao Brasil, Luiz Heitor fala sobre alguns acontecimentos musicais que ocorreram no ano, como concertos norte americanos em que instrumentistas brasileiros participaram e foram premiados; como os concertos realizados pelo Villa-Lobos e a importância que os eventos desse compositor têm para a cultura musical brasileira; e também, sobre aspectos técnicos e musicais dos hinos patrióticos brasileiros. Nos anos seguintes, de 1943 até o primeiro artigo de 1945, ele fala sobre o material coletado nas viagens de gravação de música folclórica. Explica as variações rítmicas e diferenças na execução dos instrumentos que presenciou dentro das modas de viola; bem como expõe os diferentes gêneros presentes na mesma região, comentando sobre as diferenças na melodia e nas danças. E encerra a coluna com três artigos de cunho histórico, onde em um fala sobre a chegada da companhia na América e o objetivo dos jesuítas de catequizar os índios; em outro, sobre a obra musicológica e legado deixado por Mário de Andrade no ano de sua morte, se referindo ao acontecimento como “um rude golpe para a inteligência brasileira”¹; no último, sobre os primeiros teatros e casas de ópera no Brasil colonial.

Então a escolha do diretor da revista Almir Andrade em reunir intelectuais para refletir sobre a cultura brasileira, acabou por os colocar no papel de intérpretes nacional, uma vez que estariam comunicando suas ideias através da principal publicação do governo. E a coluna produzida pelo Luiz Heitor reflete não apenas seu conhecimento acerca da música brasileira e suas origens, e registra sua imensa contribuição para a musicologia e etnomusicologia, mas também deixa claro em que pé estava em relação ao governo, uma vez que demonstra tamanha influência sobre as instituições internacionais e abertura para realização de projetos e criação de instituições, tal como o Centro de Pesquisas Folclóricas, que permitiu a sistematização do

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

estudo dos materiais gravados. Mas principalmente, disponibiliza ao público - com um grande alcance -, um material extremamente rico em detalhes e propriedade, no que diz respeito a cultura musical inteiramente brasileira, de alto nível, contemplada internacionalmente e credibilizada. Dentro do que o governo almejava.

Referências:

ARAGÃO, Pedro. **Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e os estudos de folclore no Brasil: uma análise de sua trajetória na Escola Nacional de Música (1932-1947)**. Dissertação de mestrado, EM-UFRJ, 2005.

BARROS, Felipe. **Música, etnografia e arquivo nos anos 40: Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e suas viagens a Goiás (1942), Ceará (1943) e Goiás (1944)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

CÂMARA, Marcelo Barbosa. **Cultura Política- Revista Mensal de Estudos Brasileiros (1941 a 1945): um voo panorâmico sobre o ideário político do Estado Novo**. Tese de doutorado, São Paulo: PUC/SP, 2010.

FIGUEIREDO, Isabella Araújo. **Ano do Brasil na França e Ano da França no Brasil: diplomacia cultural e relações bilaterais**. 2010.

SOARES, Maria Susana Arrosa. A diplomacia cultural no Mercosul. **Revista brasileira de política internacional**, v. 51, n. 1, p. 53-69, 2008.

Diego Wandal dos Santos é Mestrando em música (2021) pela Universidade Estadual do Paraná - Campus Curitiba I (EMBAP), na linha de pesquisa: Música, Cultura e Sociedade. Graduado em Licenciatura em Música em 2020 pela UNESPAR Campus Curitiba II (FAP), onde participou como bolsista pela CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2018 a 2019, e desenvolveu um projeto na área de Musicologia através do Programa de Iniciação Científica (PIC). Pós Graduado em 2021 pela Faculdade Única (EaD) de Minas Gerais em Educação Especial. Atualmente atua como professor de música em escolas particulares de artes e música, ministrando aulas de instrumentos, e em escolas especializadas no público do ensino especial.